

TRADUÇÃO DO RUSSO
Larissa Shotropa
João Maria Lourenço

Meninas e instituições

**Dária
Serenko**

**Desejo cinzas
à minha casa**

ANTÍGONA

TÍTULOS ORIGINAIS

Девочки и институции

Я желаю пепла своему дому

AUTORA

Dária Serenko

TRADUÇÃO DO RUSSO

Larissa Shotropa e João Maria Lourenço

REVISÃO

Conceição Candeias

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Christina Casnellie

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress

COPYRIGHT

Meninas e Instituições

© 2022 Dária Serenko

Desejo Cinzas à Minha Casa

© 2023 No Kidding Press | A edição original russa foi publicada com o título *Я желаю пепла своему дому* pela No Kidding Press em 2023

@ 2023 Suhrkamp Verlag AG Berlim | Todos os direitos reservados e controlados por Suhrkamp Verlag Berlim

© 2025 Antígona | Direitos reservados para Portugal

1.^a EDIÇÃO Agosto 2025

DL 551184/25

ISBN 978-972-608-482-2

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.antigona.pt

Meninas e instituições

Os nomes próprios de personagens que surgem neste livro, exceptuando as referências a figuras públicas russas e internacionais, são fictícios. A sua possível coincidência com nomes reais é accidental.

Dedicado a Sónia Sno e Oksana Vasiákina

Quando comecei pela primeira vez a trabalhar num organismo público, inicialmente vi apenas meninas. Eram elas próprias que assim se denominavam — «meninas» —, alternando a entoação de exclamativa para interrogativa em função do tipo de catástrofe que se desenrolava à sua volta. E as catástrofes, como me convenci de imediato, eram parte integrante da nossa instável cosmogonia quotidiana, que fazia os impossíveis por se enraizar na rotina laboral diária.

Trabalhávamos numa pequena biblioteca de bairro, num escritório sem janelas. Os computadores das meninas pareciam maiores do que elas próprias. Às vezes, por trás dos amplos monitores e do ruído das fontes de alimentação, as meninas não se viam nem ouviam, e era preciso uma pessoa levantar-se da cadeira para se certificar da co-presença humana. A falta de janelas no espaço era, aparentemente, compensada pelo papel de parede fotográfico, colado em toda a superfície: uma vegetação tropical e uma cascata íngreme e impetuosa a rolar as suas águas espumosas — uma imagem que lembrava diariamente não a frescura do ar, mas a verticalidade das hierarquias.

As meninas aceitaram-me como uma delas. Tentei ainda durante algum tempo, por hábito, manter a autonomia física: almoçava em separado, ia sozinha de autocarro até ao metro — mas,

muito rapidamente, o valor dessa separação perdeu para mim todo o sentido. No fundo, naquela altura, a minha vida também era uma catástrofe, por isso no trabalho sentia-me como em casa: era divertido e assustador, e as fronteiras entre o privado e o público diluíam-se com o álcool e as *deadlines*. Muitas vezes, quando nos reuníamos, transformávamo-nos num único organismo funcional com múltiplos braços e pernas, exultante, todo-poderoso e esmagador. Nesses momentos, deixava de sentir a minha própria fragilidade e a fraqueza nas pernas.

Porém, ao mesmo tempo, estudando as meninas e observando-as a partir do meu canto de aranha, dava-me frequentemente conta do automatismo do meu olhar: ligeiramente altivo, irónico, pouco carinhoso, ele mitologizava a colectividade feminina como tal. Justificava isso pelo facto de ter um estatuto especial: estou aqui provisoriamente. Às vezes, quando as observava, desconfiada e de mau humor, parecia-me que as meninas só existiam até à cintura — debaixo da mesa não havia nada além do entrelaçamento de cabos multicolores a transmitirem sinais algures para longe. É muito provável, claro está, que eu simplesmente ainda odiasse as mulheres, e não apenas tendesse para elas. Ou talvez, naqueles dias, só eu não existisse debaixo da mesa.



Certo dia, no Outono, caminhávamos juntas em silêncio pelo parque municipal.

— Tornou-se-me mais difícil odiar o meu Estado — disse eu sem pensar, enquanto andava.

— Estás a tornar-te uma de nós — respondeu uma delas.

Nem sempre trabalhávamos no escritório; por vezes, dispúnhamos livros velhos nas ruas da cidade, pendurávamos nas árvores bandeiras russas recém-compradas e dançávamos de roda em volta delas, juntamente com os perplexos habitantes da cidade. Na nossa realidade, deparávamo-nos constantemente com novos *sites*, que nos arrastavam para festivais sem fim, cujos orçamentos desconhecíamos. Nos festivais, cumpriamos tarefas estatais: sem qualquer ferramenta, construíamos pavilhões com paus, terra e merda, falsificávamos as estatísticas da frequência de pessoas e de animais, e também espreitávamos ocasionalmente os abismos institucionais, normalmente cobertos com papéis e trapos.

Abismos havia muitos. Em geral, se não se levasse a peito tudo o que acontecia, podia-se passar bastante bem. Eu e as meninas saíamos para fumar a cada vinte minutos. No nosso frigorífico da biblioteca havia duas garrafas de vodka: uma para emergências extremas, e a outra para um dia negro. Acontece que as duas situações se deram ao mesmo tempo.

Era o meu primeiro Dia do Trabalhador Cultural. Levaram-nos para a casa da cultura local, onde fomos rigorosamente proibidas de abandonar o edifício. Pensámos que era uma brincadeira, de modo que permanecemos ali e mantivemos a disposição festiva. Finalmente, alguns homens de fatos justos empurraram-nos para uma pequena sala de concertos e fecharam a porta. A luz foi desligada.

Uma apresentadora de penteado exuberante entrou ao som inquietante da fanfarra e leu-nos expressivamente versos de felicitação. Foi convidada então para o palco uma banda da

nossa juventude, pelo menos assim foi anunciado. Ficámos imóveis, esperando, no mínimo, o grupo t.A.T.u.

Não me sentira bem durante todo o dia e, à terceira canção da banda Poiúshchie serdtsá¹, apercebi-me de que me veio o período. Comecei a abrir caminho entre as filas. À saída da sala de concertos, dois seguranças bloquearam-me a passagem: tinham ordens para não deixar sair ninguém sob nenhum pretexto, já que os artistas actuavam sob encomenda do Estado. Os trabalhadores não podiam sair, tinham de desfrutar do momento.

Depois de me ver forçada a deixar uma mancha de sangue no assento estatal aveludado, regresssei com as meninas ao escritório e tirámos do frigorífico as duas garrafas. Tenho de admitir que agora, sim, me recordo das canções ouvidas como a música da nossa juventude. E desfruto.



Para ser sincera, eu e as meninas não gostávamos de mentir. Além disso, nunca aprendemos a fazê-lo.

Uma vez, tivemos de fingir que realizámos um evento de massas que nunca teve lugar. O departamento exigia, no próprio dia, fotografias de visitantes interessados, por isso aliciámos as pessoas que passavam na rua, prometendo-lhes chá com açúcar e bolachas. Os transeuntes pensavam tratar-se de um velório e, por isso, sentavam-se à mesa em silêncio, partindo as bolachas com cuidado sobre os guardanapos.

Numa outra ocasião, as meninas mandaram o segurança da biblioteca cobrir-se com um xaile de lã e sentar-se numa cadeira. Assim, conseguimos uma fotografia dramática da sala vazia com uma mulher solitária envolta num xaile. De algum modo, o segurança conseguiu transmitir, de forma rigorosa, a expressão de género adequada à sua postura. A fotografia não serviu para o nosso relatório, mas era muito expressiva: quem seria aquela mulher? Em que estaria a pensar quando decidiu vir a mais um evento inexistente, imposto de cima? Há quanto tempo estaria ali sentada?

Alguns dias mais tarde, estávamos na festa de despedida de uma das meninas que se aposentava. Sentadas a uma mesa posta, discutíamos qual de nós a invejava mais. Misturávamos vodka com chá e fazíamos brindes à nossa saúde. A menina, fitando-nos com um olhar escarnecedor e tocado, disse: «É o meu velório. Chamem as pessoas da rua enquanto ainda cá estou.»



Numa ocasião, cortei-me no recibo de ordenado. Uma mancha vermelha alastrou sobre os números modestos do meu vencimento. As meninas comentaram que, a partir daquele momento, o meu dinheiro era realmente ganho com o meu sangue².

Apressei-me a fazer contas ao sangue não derramado que ainda haveria dentro do meu corpo e pensei que, se eventualmente da próxima vez me cortasse um pouco mais, o montante do meu salário iria aumentar como por magia. E apesar de no mês seguinte o dia de pagamento adiantado se ter sincronizado com a minha menstruação, o dinheiro continuava a ser pouco.

As meninas sabiam governar-se com quantias exíguas. No Verão começavam a poupar dinheiro para comprar o calçado de Inverno. Traziam de casa pequenos recipientes e comiam duas vezes ao dia. Às vezes, passavam pelo escritório caixeiros-viajantes — foi assim que descobri que esse termo ainda se aplicava a pessoas vivas. Os caixeiros-viajantes espalhavam sobre as nossas mesas colãs, meias, colares de contas, perfumes e cuecas. Se nada nos agradasse, abriam outra mala e tiravam longas tiras de carne seca e peixe.

Todos os dias chegava inevitavelmente o momento em que as meninas se despiam: levantavam as saias e puxavam os colãs descaídos. Tiravam os blusões, arrumavam os sapatos debaixo da mesa e soltavam os cabelos. Este relaxamento era contagiante: as posturas tornavam-se cada vez mais informais, e os rostos cada vez menos concentrados. Era visível que, em breve, as meninas estariam em casa. E disporiam ainda de três horas exactas antes de irem dormir: para preparar a comida do dia seguinte, calcular as despesas da segunda quinzena do mês, sair para um encontro amoroso, corrigir os trabalhos de casa dos filhos, beber um copo de vinho, brigar com a senhoria, passear o cão, masturbar-se ou ligar para as amigas.

*

Em que diferem as meninas das instituições?

As meninas nunca envelhecem.

As meninas vão chorar para a casa de banho.

As meninas atrasam-se e chegam com vestidos virados do avesso.

As meninas são chamadas à polícia.

As meninas podem mandar para o caralho.

Uma vez, pediram-nos para cancelar um evento planeado e fingir que ele nunca tivera lugar. Apagar o texto do anúncio e nunca mais falar no assunto. Meninas, vocês foram hackeadas, não vale a pena trocar olhares. Meninas, metam baixa, vocês estão fodidas.

Fomos hackeadas — aqui está a razão pela qual nos sentimos tão mal. Os dedos não obedecem, nos ouvidos ecoa um zumbido, as actas e os contratos ficaram a pairar no ar. Cada uma de nós, congelada no seu posto de trabalho, fixou o olhar num ponto. Se olhares para ele durante muito tempo, começa a sentir tonturas e pontadas perturbadoras no intercílio.

Decorridas algumas horas, saímos lentamente dos nossos lugares à mesa. Debaixo de cada uma das nossas cadeiras formara-se uma mancha técnica húmida que se alastrava pela alcatifa cinzenta.

A minha era carmesim.

*

Certa vez, durante uma tempestade, a luz foi abaixo na biblioteca. O fluxo de documentação electrónica parou, a luz do tecto apagou-se, os ecrãs desligaram-se. Ficámos todas com os ouvidos tapados, devido ao silêncio que se instalou com a falta de energia. Se por baixo da mesa, afinal, as meninas fossem feitas de fios emaranhados, também teriam sido de imediato desligadas.